

COM BASE NO EDITAL Nº 2/2026/SEGE-PC



SEDUC-RO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE RONDÔNIA

PROFESSOR CLASSE C LÍNGUA PORTUGUESA

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ História e Geografia de Rondônia
- ▶ Informática Básica
- ▶ Conhecimentos Pedagógicos
- ▶ Conhecimentos Específicos



BÔNUS
CURSO ON-LINE

- PORTUGUÊS
- INFORMÁTICA



AVISO IMPORTANTE: **Este é um Material de Demonstração**

Este arquivo representa uma prévia exclusiva da apostila.

Aqui, você poderá conferir algumas páginas selecionadas para conhecer de perto a qualidade, o formato e a proposta pedagógica do nosso conteúdo. Lembramos que este não é o material completo.



POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?



- × Conteúdo totalmente alinhado ao edital.
- × Teoria clara, objetiva e sempre atualizada.
- × Dicas práticas, quadros de resumo e linguagem descomplicada.
- × Questões gabaritadas
- × Bônus especiais que otimizam seus estudos.

Aproveite a oportunidade de intensificar sua preparação com um material completo e focado na sua aprovação:
Acesse agora: www.apostilasopcao.com.br

Disponível nas versões impressa e digital, com envio imediato!

Estudar com o material certo faz toda a diferença na sua jornada até a APROVAÇÃO.





SEDUC-RO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE RONDÔNIA

**PROFESSOR CLASSE C - LÍNGUA
PORTUGUESA**

EDITAL Nº 1/2026/SEGEP-GCP

CÓD: OP-026JN-26
7908403586523

ÍNDICE

Língua Portuguesa

1. Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados, com identificação de tema, ideia central	9
2. Informações explícitas e implícitas	16
3. Inferências e efeitos de sentido	17
4. Linguagem, texto e gêneros discursivos; contemplando tipos textuais e gêneros mais recorrentes em contextos escolares, acadêmicos e sociais (normativo, jornalístico, científico, publicitário e digital)	17
5. Organização e progressão temática do texto	26
6. Coesão e coerência	26
7. Funções da linguagem e elementos do processo comunicativo	29
8. Classes de palavras e morfologia, com estudo das classes variáveis e invariáveis, conceitos, classificação, emprego e flexões de gênero, número, grau, tempos e modos verbais	33
9. Processos de formação de palavras por derivação e composição	43
10. Sintaxe da oração e do período, com identificação dos termos essenciais, integrantes e acessórios da oração, período simples e composto, coordenação e subordinação em abordagem funcional e aplicada	46
11. Concordância verbal e nominal, considerando regras gerais e casos mais frequentes em provas regência verbal e nominal, com foco nos usos mais recorrentes da norma padrão	48
12. Semântica lexical e textual, abrangendo denotação e conotação, sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia e polissemia	54
13. Figuras de linguagem mais comuns e seus efeitos de sentido na construção e interpretação dos textos	55
14. Ortografia oficial acentuação gráfica conforme o acordo ortográfico	59
15. Pontuação e seus efeitos de sentido no texto	71
16. Emprego do sinal indicativo de crase nos casos obrigatórios, facultativos e proibidos mais usuais norma padrão e variação linguística, considerando registros formal e informal, variações regionais e sociais da língua e sua abordagem no contexto escolar	76

História e Geografia de Rondônia

1. Formação histórica da amazônia ocidental; ocupação e colonização do território rondoniense; sociedades indígenas originárias e contato interétnico; ciclo da borracha; organização dos seringais; relações de trabalho; impactos sociais e econômicos; inserção da região nos mercados nacional e internacional; tratados e acordos internacionais de definição territorial	87
2. Estrada de ferro madeira-mamoré; atuação de cândido mariano da silva rondon e integração nacional; criação do território federal do guaporé; transformação em território federal de rondônia; elevação à categoria de estado; desenvolvimento regional	88
3. Evolução político-administrativa dos municípios; emancipação municipal; organização administrativa; localização geográfica; limites intermunicipais; divisas estaduais e fronteiras internacionais	90
4. Organização política do estado; estrutura administrativa estadual; papel dos governadores na consolidação do estado ..	93
5. Setores produtivos da agropecuária; áreas de exploração; cadeias produtivas; importância econômica; impactos socioambientais; expansão da fronteira agrícola; conflitos fundiários; povos tradicionais	94
6. Hidrografia de rondônia; clima do estado; unidades de relevo; ocupação humana; biomas presentes, com destaque para a amazônia; degradação ambiental; desmatamento e queimadas; mudanças climáticas; unidades de conservação federais e estaduais; terras indígenas; preservação da biodiversidade	95
7. Dinâmica populacional; setores econômicos secundário e terciário	100
8. Rondônia no contexto das políticas públicas nacionais; desenvolvimento regional; educação; saúde; infraestrutura; meio ambiente e sustentabilidade	101

ÍNDICE

Informática Básica

1. Noções de informática aplicadas ao contexto educacional	105
2. Sistemas operacionais em ambiente windows; conceitos básicos; interface gráfica; gerenciamento de janelas; configurações; atualização do sistema; explorador de arquivos; organização e gerenciamento de pastas, arquivos e extensões; administração básica de usuários	105
3. Aplicativos de escritório; edição de textosplanilhas e apresentações; microsoft word, excel e powerpoint e suítes compatíveis; criação, formatação, edição e impressão de documentos; inserção de tabelas, gráficos, imagens e elementos multimídia; uso de fórmulas e funções básicas em planilhas; layouts e recursos de apresentação	108
4. Conceitos básicos de redes de computadores tipos de redes; dispositivos; noções de protocolos	144
5. Uso da internet, intranet e extranet. pesquisa na internet; uso de mecanismos de busca; operadores de pesquisa; avaliação da confiabilidade das fontes; ética e uso responsável da informação	149
6. Navegadores de internet; google chromemozilla firefox e microsoft edge; configurações; abas; favoritos; histórico; downloads; segurança na navegação	152
7. Correio eletrônico; microsoft outlook e ferramentas equivalentes; envio e recebimento de mensagens; anexos; organização de e-mails; contatos; calendários; boas práticas de comunicação digital.....	160
8. Redes sociais digitais; conceitos; funcionalidades; impactos sociais e educacionais; privacidade; segurança; uso responsável no ambiente escolar	166
9. Computação em nuvem; conceitos básicos características; serviços e aplicações educacionais	168
10. Armazenamento em nuvem; onedrive, google drive e serviços equivalentes; compartilhamento de arquivos; controle de acesso; sincronização de dados	169
11. Segurança da informação; princípios de confidencialidade, integridade e disponibilidade; políticas de senhas; autenticação; proteção de dados. ameaças digitais; vírus, worms, trojans, spyware e ransomware; formas de contágio e prevenção. ferramentas de segurança; antivírus; firewall; atualizações automáticas.....	170
12. Procedimentos de backup; tipos de cópia de segurança; periodicidade; recuperação de dados.....	175
13. Noções da lei geral de proteção de dados (lgpd) no contexto educacional.....	176

Conhecimentos Pedagógicos

1. História da educação no brasil; principais períodos e reformas educacionais.....	183
2. Correntes pedagógicas e impactos na educação contemporânea. tendências pedagógicas tradicionais, renovadoras, críticas e contemporâneas	190
3. Filosofia da educação e sociologia da educação como fundamentos da prática pedagógica.....	192
4. Educação e sociedade	197
5. Função social da escola.....	202
6. Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem; aspectos cognitivos, afetivos e sociais do desenvolvimento humano; teorias da aprendizagem; contribuições de piaget, vygotsky e outros autores clássicos e contemporâneos; implicações pedagógicas no ensino e na aprendizagem	203
7. Metodologias de ensino	210
8. Didática e organização do trabalho docente.....	218
9. Planejamento escolar; planejamento pedagógico.....	220
10. Organização curricular; objetivos de ensino; conteúdos; metodologias; avaliação; adequações curriculares; articulação com a bncc e as diretrizes curriculares nacionais	221
11. Avaliação da aprendizagem; conceitos, funções e instrumentos; avaliação diagnóstica, formativa e somativa; acompanhamento do desenvolvimento do estudante	223
12. Interdisciplinaridade, transversalidade e integração entre áreas do conhecimento	224
13. Temas contemporâneos transversais.....	225

ÍNDICE

14. Cotidiano escolar; organização da rotina da escola e da sala de aula	231
15. Gestão da sala de aula	232
16. Relações interpessoais; dinâmica de grupos	234
17. Conselho de classe	236
18. Planejamento coletivo; acompanhamento pedagógico	238
19. Mediação de conflitos	239
20. Prevenção e enfrentamento do bullying	240
21. Brincar e aprender	241
22. Ludicidade no processo educativo	243
23. Aprendizagem significativa	251
24. Projeto político-pedagógico; concepção; elaboração; implementação; avaliação	254
25. Gestão democrática da escola	256
26. Educação inclusiva; fundamentos teóricos e legais; políticas públicas; práticas pedagógicas inclusivas; atendimento educacional especializado	263
27. Diversidade e equidade. educação e diversidade cultural; educação das relações étnico-raciais; história e cultura afro-brasileira e indígena; legislação educacional vigente	268
28. Bases legais da educação brasileira; lei nº 9.394/1996 (Ldb)	270
29. Diretrizes curriculares nacionais da educação básica	290
30. Base nacional comum curricular (BNCC)	297
31. Estatuto da criança e do adolescente (ECA)	335
32. Políticas públicas educacionais	376

Conhecimentos Específicos

Professor Classe C - Língua Portuguesa

1. Leitura, interpretação e análise de textos verbais, não verbais e multimodais, com foco em habilidades de leitura	387
2. Textos literários e não literários, considerando contextos históricos, sociais e culturais, com ênfase na literatura brasileira	387
3. Noções de cultura, arte e literatura na formação do leitor	390
4. Recursos expressivos da linguagem	394
5. Figuras de linguagem e seus tipos: figuras de palavras, de pensamento, de sintaxe e de som, com identificação e efeitos de sentido	397
6. Gêneros literários: lírico, narrativo e dramático, com reconhecimento de características e funções	398
7. Elementos estruturais da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço, narrador e foco narrativo; formas narrativas: crônica, conto, novela e romance	399
8. Noções básicas de versificação, métrica, rima e figuras sonoras	404
9. Tipologia textual e gêneros discursivos em contextos escolares e sociais; modos de organização do discurso: narrativo, descritivo	409
10. Enunciação e marcas de subjetividade	409
11. Coesão e coerência textuais	411
12. Mecanismos de articulação do texto: pronomes, expressões referenciais, conectores, nexos e operadores argumentativos	411
13. Intertextualidade	412

ÍNDICE

14. Significação contextual de palavras e expressões; semântica lexical e textual: sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia e polissemia; denotação e conotação e efeitos de sentido	413
15. Sistema fonológico do português e relações entre fala e escrita; sistema ortográfico vigente conforme o acordo ortográfico	413
16. Morfossintaxe; processos sintáticos: coordenação e subordinação; constituintes da oração; período simples e composto; classes de palavras e seus usos no texto; valores semântico-sintáticos dos conectivos.....	413
17. Formação de palavras por derivação e composição; morfologia nominal, verbal e pronominal	413
18. Concordância nominal e verbal	413
19. Regência nominal e verbal	413
20. Colocação dos termos na frase	413
21. Emprego do sinal indicativo de crase.....	415
22. Normas de pontuação e efeitos de sentido	415
23. Equivalência, transformação e reescrita de estruturas linguísticas	415
24. Frase, oração e discurso.....	421
25. Metodologia do ensino de língua portuguesa na educação básica, com foco em práticas de leitura, produção escrita, oralidade e análise linguística	423
26. Avaliação da aprendizagem em língua portuguesa	427
27. Diretrizes curriculares nacionais gerais para o ensino fundamental e ensino médio e orientações da bncc	428

LÍNGUA PORTUGUESA

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS DE GÊNEROS VARIADOS, COM IDENTIFICAÇÃO DE TEMA, IDEIA CENTRAL

A compreensão e a interpretação de textos são habilidades essenciais para que a comunicação alcance seu objetivo de forma eficaz. Em diversos contextos, como na leitura de livros, artigos, propagandas ou imagens, é necessário que o leitor seja capaz de entender o conteúdo proposto e, além disso, atribuir significados mais amplos ao que foi lido ou visto.

Para isso, é importante distinguir os conceitos de compreensão e interpretação, bem como reconhecer que um texto pode ser verbal (composto por palavras) ou não-verbal (constituído por imagens, símbolos ou outros elementos visuais).

Compreender um texto implica decodificar sua mensagem explícita, ou seja, captar o que está diretamente apresentado. Já a interpretação vai além da compreensão, exigindo que o leitor utilize seu repertório pessoal e conhecimentos prévios para gerar um sentido mais profundo do texto. Dessa forma, dominar esses dois processos é essencial não apenas para a leitura cotidiana, mas também para o desempenho em provas e concursos, onde a análise de textos e imagens é frequentemente exigida.

Essa distinção entre compreensão e interpretação é crucial, pois permite ao leitor ir além do que está explícito, alcançando uma leitura mais crítica e reflexiva.

CONCEITO DE COMPREENSÃO

A compreensão de um texto é o ponto de partida para qualquer análise textual. Ela representa o processo de decodificação da mensagem explícita, ou seja, a habilidade de extrair informações diretamente do conteúdo apresentado pelo autor, sem a necessidade de agregar inferências ou significados subjetivos. Quando compreendemos um texto, estamos simplesmente absorvendo o que está dito de maneira clara, reconhecendo os elementos essenciais da comunicação, como o tema, os fatos e os argumentos centrais.

► A Compreensão em Textos Verbais

Nos textos verbais, que utilizam a linguagem escrita ou falada como principal meio de comunicação, a compreensão passa pela habilidade de ler com atenção e reconhecer as estruturas linguísticas. Isso inclui:

- **Vocabulário** : O entendimento das palavras usadas no texto é fundamental. Palavras desconhecidas podem comprometer a compreensão, tornando necessário o uso de dicionários ou ferramentas de pesquisa para esclarecer o significado.

- **Sintaxe**: A maneira como as palavras estão organizadas em frases e parágrafos também influencia o processo de compreensão. Sentenças complexas, inversões sintáticas ou o uso de conectores como conjunções e preposições requerem atenção redobrada para garantir que o leitor compreenda as relações entre as ideias.

- **Coesão e coerência**: são dois pilares essenciais da compreensão. Um texto coeso é aquele cujas ideias estão bem conectadas, e a coerência se refere à lógica interna do texto, onde as ideias se articulam de maneira fluida e compreensível.

Ao realizar a leitura de um texto verbal, a compreensão exige a decodificação de todas essas estruturas. É a partir dessa leitura atenta e detalhada que o leitor poderá garantir que absorveu o conteúdo proposto pelo autor de forma plena.

► A Compreensão em Textos Não-Verbais

Além dos textos verbais, a compreensão se estende aos textos não-verbais, que utilizam símbolos, imagens, gráficos ou outras representações visuais para transmitir uma mensagem. Exemplos de textos não-verbais incluem obras de arte, fotografias, infográficos e até gestos em uma linguagem de sinais.

A compreensão desses textos exige uma leitura visual aguçada, na qual o observador decodifica os elementos presentes, como:

- **Cores**: As cores desempenham um papel comunicativo importante em muitos contextos, evocando emoções ou sugerindo informações adicionais. Por exemplo, em um gráfico, cores diferentes podem representar categorias distintas de dados.

- **Formas e símbolos**: Cada forma ou símbolo em um texto visual pode carregar um significado próprio, como sinais de trânsito ou logotipos de marcas. A correta interpretação desses elementos depende do conhecimento prévio do leitor sobre seu uso.

- **Gestos e expressões**: Em um contexto de comunicação corporal, como na linguagem de sinais ou em uma apresentação oral acompanhada de gestos, a compreensão se dá ao identificar e entender as nuances de cada movimento.

► Fatores que Influenciam a Compreensão

A compreensão, seja de textos verbais ou não-verbais, pode ser afetada por diversos fatores, entre eles:

- **Conhecimento prévio**: Quanto mais familiarizado o leitor estiver com o tema abordado, maior será sua capacidade de compreender o texto. Por exemplo, um leitor que já conhece o contexto histórico de um fato poderá compreender melhor uma notícia sobre ele.

AMOSTRA

▪ **Contexto:** O ambiente ou a situação em que o texto é apresentado também influencia a compreensão. Um texto jornalístico, por exemplo, traz uma mensagem diferente dependendo de seu contexto histórico ou social.

▪ **Objetivos da leitura:** O propósito com o qual o leitor aborda o texto impacta a profundidade da compreensão. Se a leitura for para estudo, o leitor provavelmente será mais minucioso do que em uma leitura por lazer.

► Compreensão como Base para a Interpretação

A compreensão é o primeiro passo no processo de leitura e análise de qualquer texto. Sem uma compreensão clara e objetiva, não é possível seguir para uma etapa mais profunda, que envolve a interpretação e a formulação de inferências. Somente após a decodificação do que está explicitamente presente no texto, o leitor poderá avançar para uma análise mais subjetiva e crítica, onde ele começará a trazer suas próprias ideias e reflexões sobre o que foi lido.

Em síntese, a compreensão textual é um processo que envolve a decodificação de elementos verbais e não-verbais, permitindo ao leitor captar a mensagem essencial do conteúdo. Ela exige atenção, familiaridade com as estruturas linguísticas ou visuais e, muitas vezes, o uso de recursos complementares, como dicionários. Ao dominar a compreensão, o leitor cria uma base sólida para interpretar textos de maneira mais profunda e crítica.

► Textos Verbais e Não-Verbais

Na comunicação, os textos podem ser classificados em duas categorias principais: verbais e não-verbais. Cada tipo de texto utiliza diferentes recursos e linguagens para transmitir suas mensagens, sendo fundamental que o leitor ou observador saiba identificar e interpretar corretamente as especificidades de cada um.

► Textos Verbais

Os textos verbais são aqueles constituídos pela linguagem escrita ou falada, onde as palavras são o principal meio de comunicação. Eles estão presentes em inúmeros formatos, como livros, artigos, notícias, discursos, entre outros. A linguagem verbal se apoia em uma estrutura gramatical, com regras que organizam as palavras e frases para transmitir a mensagem de forma coesa e compreensível.

► Características dos Textos Verbais:

▪ **Estrutura Sintática:** As frases seguem uma ordem gramatical que facilita a decodificação da mensagem.

▪ **Uso de Palavras:** As palavras são escolhidas com base em seu significado e função dentro do texto, permitindo ao leitor captar as ideias expressas.

▪ **Coesão e Coerência:** A conexão entre frases, parágrafos e ideias deve ser clara, para que o leitor compreenda a linha de raciocínio do autor.

Exemplos de textos verbais incluem:

▪ **Livros e artigos:** Onde há um desenvolvimento contínuo de ideias, apoiado em argumentos e explicações detalhadas.

▪ **Diálogos e conversas:** Que utilizam a oralidade para interações mais diretas e dinâmicas.

▪ **Panfletos e propagandas:** Usam a linguagem verbal de forma concisa e direta para transmitir uma mensagem específica.

A compreensão de um texto verbal envolve a decodificação de palavras e a análise de como elas se conectam para construir significado. É essencial que o leitor identifique o tema, os argumentos centrais e as intenções do autor, além de perceber possíveis figuras de linguagem ou ambiguidades.

TEXTOS NÃO-VERBAIS

Os textos não-verbais utilizam elementos visuais para se comunicar, como imagens, símbolos, gestos, cores e formas. Embora não usem palavras diretamente, esses textos transmitem mensagens completas e são amplamente utilizados em contextos visuais, como artes visuais, placas de sinalização, fotografias, entre outros.

► Características dos Textos Não-Verbais:

▪ **Imagens e símbolos:** Carregam significados culturais e contextuais que devem ser reconhecidos pelo observador.

▪ **Cores e formas:** Podem ser usadas para evocar emoções ou destacar informações específicas. Por exemplo, a cor vermelha em muitos contextos pode representar perigo ou atenção.

▪ **Gestos e expressões:** Na comunicação corporal, como na linguagem de sinais ou na expressão facial, o corpo desempenha o papel de transmitir a mensagem.

Exemplos de textos não-verbais incluem:

▪ **Obras de arte:** Como pinturas ou esculturas, que comunicam ideias, emoções ou narrativas através de elementos visuais.

▪ **Sinais de trânsito:** Que utilizam formas e cores para orientar os motoristas, dispensando a necessidade de palavras.

▪ **Infográficos:** Combinações de gráficos e imagens que transmitem informações complexas de forma visualmente acessível.

A interpretação de textos não-verbais exige uma análise diferente da dos textos verbais. É necessário entender os códigos visuais que compõem a mensagem, como as cores, a composição das imagens e os elementos simbólicos utilizados. Além disso, o contexto cultural é crucial, pois muitos símbolos ou gestos podem ter significados diferentes dependendo da região ou da sociedade em que são usados.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE RONDÔNIA

FORMAÇÃO HISTÓRICA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL; OCUPAÇÃO E COLONIZAÇÃO DO TERRITÓRIO RONDONIENSE; SOCIEDADES INDÍGENAS ORIGINÁRIAS E CONTATO INTERÉTNICO; CICLO DA BORRACHA; ORGANIZAÇÃO DOS SERINGAIS; RELAÇÕES DE TRABALHO; IMPACTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS; INSERÇÃO DA REGIÃO NOS MERCADOS NACIONAL E INTERNACIONAL; TRATADOS E ACORDOS INTERNACIONAIS DE DEFINIÇÃO TERRITORIAL

A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL: CONQUISTA E CONTENÇÃO TERRITORIAL

A Amazônia Ocidental abrange os atuais estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima e partes do Mato Grosso e Pará. Esta vasta região foi palco de sucessivos embates diplomáticos, militares e culturais, à medida que impérios europeus e, mais tarde, os estados nacionais buscavam consolidar o domínio sobre a rica e estratégica bacia amazônica.

Durante o período colonial, a ocupação da região esteve associada à penetração de missões religiosas (principalmente jesuítas), à exploração de recursos naturais e à preocupação geopolítica com a defesa do território português contra incursões espanholas. As bandeiras paulistas, no século XVII, também contribuíram para o avanço sobre o interior amazônico.

A definição do espaço amazônico enquanto parte integrante do território brasileiro envolveu disputas com a Espanha e, posteriormente, com a Bolívia e o Peru, resolvidas em parte por meio de tratados internacionais, dos quais o mais importante foi o Tratado de Madri (1750), que substituiu o arcaico Tratado de Tordesilhas.

A região do atual estado de Rondônia, ainda chamada no século XVIII de “sertão do Guaporé”, começou a ser ocupada mais sistematicamente com a instalação do Real Forte Príncipe da Beira (1776), na margem do rio Guaporé. Essa fortaleza simbolizava o poder da Coroa Portuguesa em uma região estratégica e inóspita, marcando a presença do Estado nas fronteiras da colônia.

POVOS INDÍGENAS ORIGINÁRIOS E O CONTATO INTERÉTNICO

Antes da presença colonial, o território rondoniense era ocupado por uma vasta gama de povos indígenas, entre os quais destacam-se:

- Cinta Larga
- Suruí (Paiter)
- Karitiana

- Tupari
- Aikanã
- Gavião
- Zoró
- Arikapú
- Kanoê

Essas sociedades desenvolveram formas complexas de organização social, espiritualidade, domínio ecológico e territorialidade. Viviam em equilíbrio com o ecossistema, praticando agricultura, caça, coleta e pesca, com sofisticado conhecimento sobre a fauna e flora.

A chegada dos europeus e, mais tarde, de migrantes brasileiros e estrangeiros, ocasionou uma série de conflitos interétnicos, baseados na disputa por terras, mão de obra e recursos naturais. A introdução de doenças contagiosas, as guerras coloniais e os processos de catequese forçada dizimaram populações inteiras. Muitos povos foram deslocados, escravizados ou forçados a se integrar às estruturas sociais dos seringais e fazendas.

Durante o século XX, os contatos interétnicos intensificaram-se com a chegada de frentes colonizadoras e extrativistas, o que gerou episódios de violência, etnocídio e perda territorial — problemas que ainda persistem nas disputas por reconhecimento de terras indígenas em Rondônia.

O CICLO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO DOS SERINGAIS NA AMAZÔNIA OCIDENTAL

O Ciclo da Borracha (c. 1870–1912 e c. 1942–1945) foi o principal fator de inserção da Amazônia Ocidental na economia capitalista internacional. A crescente demanda por látex, matéria-prima para a indústria automobilística, transformou os rios amazônicos em vias comerciais e áreas de intensa migração e trabalho.

Rondônia, especialmente a região do rio Madeira, teve papel fundamental nesse ciclo. A construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), entre 1907 e 1912, foi um marco desse processo. A ferrovia foi idealizada para contornar as corredeiras do rio Madeira, facilitando o transporte da borracha produzida na Bolívia e nos seringais brasileiros até o porto de Belém e, de lá, ao mercado internacional.

A organização dos seringais seguia um modelo de produção descentralizado, onde:

- O coronel seringalista controlava vastas áreas de floresta.
- Os seringueiros, geralmente nordestinos atraídos por promessas enganosas de riqueza, viviam em condições precárias, muitas vezes em regime de dívida perpétua (o sistema de aviamento).

AMOSTRA

- Havia intensa utilização de mão de obra indígena e cabocla, frequentemente submetida a regimes análogos à escravidão.

Os seringais eram espaços isolados, com pouca infraestrutura, onde o patrão detinha poder quase absoluto, e a violência era uma prática comum.

RELAÇÕES DE TRABALHO E IMPACTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

As relações de trabalho nos seringais amazônicos eram baseadas em um modelo altamente desigual e exploratório. O aviamento funcionava como um sistema de crédito em que o trabalhador recebia adiantamentos em mercadorias, que deveria pagar com a produção de borracha. O problema era que os preços dos produtos consumidos e do látex eram manipulados pelos patrões, o que mantinha o seringueiro eternamente endividado.

Essa relação gerava:

- Dependência econômica e social
- Isolamento geográfico e cultural
- Violência física e simbólica
- Destruturção familiar

Apesar dos abusos, o ciclo da borracha teve importância econômica significativa para o Brasil. Contribuiu para o enriquecimento de elites locais e impulsionou a urbanização de cidades como Porto Velho e Guajará-Mirim, além de fortalecer a presença do Estado em áreas antes pouco ocupadas.

O fim do ciclo (1912), provocado pela concorrência asiática e pela queda dos preços, mergulhou a região em um período de estagnação econômica, cujos efeitos foram sentidos até meados do século XX.

INSERÇÃO DA REGIÃO NOS MERCADOS NACIONAL E INTERNACIONAL

A partir do ciclo da borracha, a Amazônia Ocidental passou a ser cada vez mais integrada ao cenário econômico nacional e global. Rondônia, embora isolada por rios e florestas, tornou-se parte de uma cadeia produtiva que abastecia indústrias nos EUA, Europa e Japão.

Inserção internacional:

- Exportação da borracha para o mercado global.
- Interesses estrangeiros em infraestrutura (como a EFMM, construída por empresas norte-americanas).
- Relações com a Bolívia, Peru e empresas internacionais, que viam na Amazônia uma fronteira de exploração.

Inserção nacional:

- Projetos estratégicos da Ditadura Militar (1964–1985), como a Política de Integração Nacional, visavam ocupar a Amazônia.
- Implantação de grandes obras de infraestrutura (BR-364), colonização pelo INCRA, e estímulo à pecuária e agricultura mecanizada.

- A criação do Território Federal de Rondônia (1943) e, posteriormente, sua elevação a estado (1981), consolidaram sua posição como peça-chave na expansão territorial e econômica do país.

ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ; ATUAÇÃO DE CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON E INTEGRAÇÃO NACIONAL; CRIAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO GUAPORÉ; TRANSFORMAÇÃO EM TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA; ELEVÇÃO À CATEGORIA DE ESTADO; DESENVOLVIMENTO REGIONAL

DE TERRA DE FRONTEIRA A ESPAÇO NACIONAL

A formação do estado de Rondônia está diretamente ligada a estratégias de integração territorial da Amazônia ao restante do Brasil. Ao longo do século XX, essa porção ocidental da Amazônia brasileira deixou de ser uma área periférica, de baixa ocupação, para tornar-se um dos eixos da expansão da fronteira agrícola e da colonização promovida pelo Estado.

Diversos elementos históricos contribuíram para esse processo, sendo os mais significativos:

- A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) como vetor de ocupação e transporte;
- A atuação do Marechal Cândido Rondon, símbolo da integração pacífica e técnica do território nacional;
- A criação e transformação do Território Federal do Guaporé, que posteriormente se tornaria o estado de Rondônia;
- As políticas de desenvolvimento regional nas décadas de 1970 e 1980, ligadas ao contexto da ditadura militar.

A ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ: CONEXÃO, SACRIFÍCIO E TRANSFORMAÇÕES

A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) foi construída entre 1907 e 1912 como resposta à necessidade de escoar a produção de borracha da Bolívia e da região amazônica brasileira para os mercados internacionais. A ferrovia ligava Porto Velho a Guajará-Mirim, totalizando 366 km de trilhos ao longo do rio Madeira, contornando os trechos de corredeiras intransponíveis.

Importância estratégica:

- Facilitava o transporte de mercadorias da Bolívia até o Oceano Atlântico.
- Era uma exigência do Tratado de Petrópolis (1903), pelo qual o Brasil incorporou o Acre em troca de compensações econômicas e logísticas à Bolívia.
- Inseria Rondônia na economia internacional da borracha.

Impactos sociais e humanos:

- Estima-se que mais de 6 mil trabalhadores morreram durante a construção, vítimas de malária, acidentes, febre amarela e condições insalubres.

INFORMÁTICA BÁSICA

NOÇÕES DE INFORMÁTICA APLICADAS AO CONTEXTO EDUCACIONAL

No contexto educacional, as noções de informática correspondem ao conjunto de conhecimentos básicos sobre o uso das tecnologias digitais aplicadas aos processos de ensino e aprendizagem. A informática na educação contribui para a modernização das práticas pedagógicas, favorecendo a construção do conhecimento, a autonomia do estudante e a mediação do professor por meio de recursos tecnológicos.

O domínio de conceitos fundamentais, como hardware e software, é essencial para a utilização adequada dos equipamentos educacionais. O hardware refere-se aos componentes físicos do computador e de outros dispositivos digitais, enquanto o software compreende os programas e sistemas utilizados para executar tarefas, como editores de texto, planilhas, apresentações e ambientes virtuais de aprendizagem.

A internet desempenha papel central no contexto educacional, permitindo o acesso à informação, à pesquisa acadêmica, à comunicação e à colaboração entre professores e estudantes. Ferramentas como correio eletrônico, plataformas educacionais, videoconferências e bibliotecas digitais ampliam as possibilidades de interação e aprendizagem, superando limites de tempo e espaço.

As tecnologias digitais também favorecem metodologias ativas, estimulando a participação do aluno por meio de atividades interativas, uso de recursos multimídia e produção de conteúdos digitais. Nesse cenário, o professor atua como mediador do conhecimento, orientando o uso crítico, ético e responsável das tecnologias.

Além disso, as noções de informática aplicadas à educação envolvem cuidados com segurança da informação, uso consciente da internet e respeito às normas de ética digital. O desenvolvimento dessas competências contribui para a formação de cidadãos preparados para atuar de forma responsável e crítica na sociedade digital.

SISTEMAS OPERACIONAIS EM AMBIENTE WINDOWS; CONCEITOS BÁSICOS; INTERFACE GRÁFICA; GERENCIAMENTO DE JANELAS; CONFIGURAÇÕES; ATUALIZAÇÃO DO SISTEMA; EXPLORADOR DE ARQUIVOS; ORGANIZAÇÃO E GERENCIAMENTO DE PASTAS, ARQUIVOS E EXTENSÕES; ADMINISTRAÇÃO BÁSICA DE USUÁRIOS

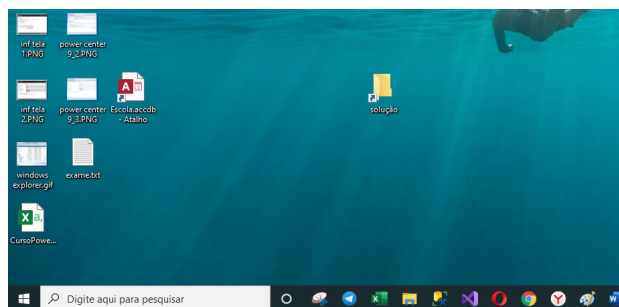
WINDOWS 10

O Windows 10 é um sistema operacional desenvolvido pela Microsoft, amplamente utilizado em computadores pessoais, laptops e dispositivos híbridos. Ele oferece uma interface intuitiva e recursos que facilitam a produtividade, o entretenimento e a conectividade.

► Área de trabalho

A área é o espaço principal de trabalho do sistema, onde você pode acessar atalhos de programas, pastas e arquivos. O plano de fundo pode ser personalizado com imagens ou cores sólidas, e os ícones podem ser organizados conforme sua preferência. Além disso, a barra de tarefas na parte inferior centraliza funções como:

- **Botão Iniciar:** acesso rápido aos aplicativos e configurações.
- **Barra de pesquisa:** facilita a busca de arquivos e aplicativos no sistema.
- **Ícones de aplicativos:** mostram os programas em execução ou fixados.
- **Relógio e notificações:** localizados no canto direito para visualização rápida.

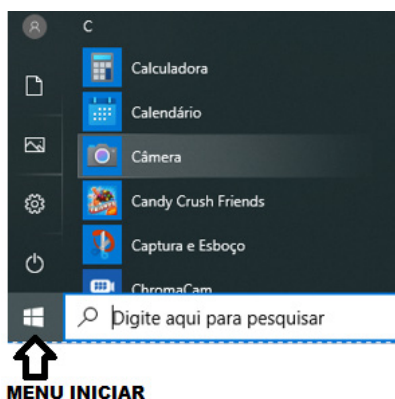


AMOSTRA

Uso dos menus

Os menus no Windows 10 são projetados para facilitar o acesso a diversas funções e aplicativos. Ao clicar no botão Iniciar, você encontrará:

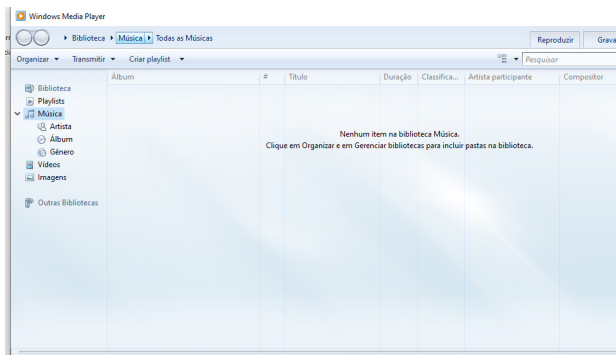
- Uma lista dos programas instalados.
- Atalhos para aplicativos fixados.
- A barra de pesquisa, onde você pode digitar para localizar programas, arquivos e configurações de forma rápida.

**Programas e interação com o usuário**

Para entender melhor as funções categorizadas no Windows 10, vamos dividir os programas por categorias, explorando as possibilidades que cada um oferece para o usuário.

Música e Vídeo: O Windows Media Player é o player nativo do sistema, projetado para reproduzir músicas e vídeos, proporcionando uma experiência multimídia completa. Suas principais funcionalidades incluem:

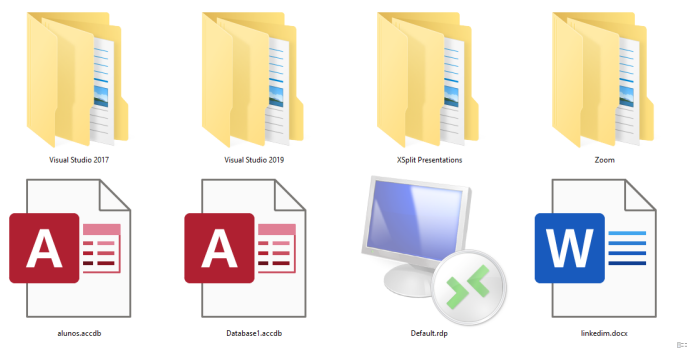
- **Organização de bibliotecas:** gerencie arquivos de música, fotos e vídeos armazenados no computador.
- **Reprodução de mídia:** toque músicas e vídeos em diversos formatos compatíveis.
- **Criação de playlists:** organize suas músicas em listas personalizadas para diferentes ocasiões.
- **Gravação de CDs:** transfira suas playlists para CDs de maneira prática.
- **Sincronização com dispositivos externos:** conecte dispositivos de armazenamento e transfira sua mídia facilmente.

**Conceito de pastas e diretórios**

Pasta algumas vezes é chamada de diretório, mas o nome "pasta" ilustra melhor o conceito. Pastas servem para organizar, armazenar e organizar os arquivos. Estes arquivos podem ser documentos de forma geral (textos, fotos, vídeos, aplicativos diversos).

Lembrando sempre que o Windows possui uma pasta com o nome do usuário onde são armazenados dados pessoais.

Dentro deste contexto temos uma hierarquia de pastas.

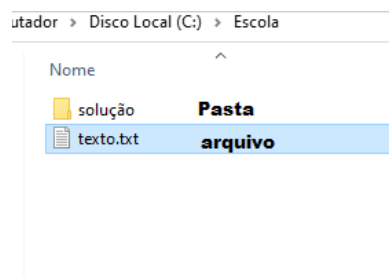


No caso da figura acima temos quatro pastas e quatro arquivos.

Arquivos e atalhos

Como vimos anteriormente: pastas servem para organização, vimos que uma pasta pode conter outras pastas, arquivos e atalhos.

- **Arquivo:** é um item único que contém um determinado dado. Estes arquivos podem ser documentos de forma geral (textos, fotos, vídeos e etc..), aplicativos diversos, etc.
- **Atalho:** é um item que permite fácil acesso a uma determinada pasta ou arquivo propriamente dito.



CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL; PRINCIPAIS PERÍODOS E REFORMAS EDUCACIONAIS

EDUCAÇÃO NA ANTIGUIDADE

A educação na Antiguidade apresenta grande diversidade, pois cada civilização antiga desenvolveu métodos e finalidades educacionais únicos, alinhados a seus valores e estruturas sociais. Nesta fase, o ensino era geralmente reservado para elites e, em grande parte, voltado para a transmissão de conhecimento religioso, cultural e militar.

A educação estava intrinsecamente ligada às crenças e ao papel que cada sociedade destinava ao aprendizado. As principais civilizações que influenciaram o desenvolvimento educacional na Antiguidade foram a Mesopotâmia, o Egito, a Grécia e Roma.

► Mesopotâmia e Egito

Na Mesopotâmia e no Egito, a educação formal era restrita a uma pequena elite, especialmente ligada à administração e religião, e focava no aprendizado da escrita, aritmética e princípios religiosos.

▪ **Mesopotâmia:** Os sumérios, babilônios e assírios desenvolveram sistemas de escrita cuneiforme, e a educação formal na Mesopotâmia era oferecida em escolas chamadas edubbas, ou “casas das tábuas”, onde o ensino era centrado na formação de escribas, uma das profissões mais importantes da época. Os escribas desempenhavam papéis cruciais em atividades administrativas, religiosas e comerciais, e o ensino girava em torno de habilidades práticas como contabilidade, leis e registros comerciais.

▪ **Egito Antigo:** No Egito, a educação também era restrita a escribas, sacerdotes e membros da elite. A formação de escribas envolvia aprendizado dos hieróglifos, a complexa escrita egípcia, além de aritmética e conhecimento sobre mitologia e religião, que eram centrais para a cultura egípcia. O ensino acontecia em escolas ligadas a templos e palácios, e os alunos eram, em grande parte, treinados para assumir posições na administração pública ou na condução dos rituais religiosos.

Essas duas civilizações compartilhavam uma visão funcional da educação, com foco na capacitação para o trabalho administrativo e religioso, limitando o acesso ao aprendizado a uma minoria com poder e prestígio.

► Grécia Antiga

A Grécia foi uma das primeiras civilizações a considerar a educação como um meio de desenvolver o potencial humano e promover a cidadania. A educação grega possuía diferentes características em cidades-estado como Atenas e Esparta, refletindo os valores distintos de cada uma.

▪ **Atenas:** Na cidade-estado de Atenas, a educação visava o desenvolvimento integral do cidadão, abrangendo aspectos intelectuais, físicos e morais. A paideia, como era chamada a formação ateniense, buscava preparar os jovens para a vida pública, enfatizando filosofia, artes, literatura, música e esportes. Os ensinamentos de filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles deixaram marcas profundas na educação ocidental, introduzindo métodos de ensino baseados no diálogo e na reflexão crítica. A Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles são exemplos de instituições educacionais avançadas que buscavam compreender e discutir a natureza humana, a ética e a política.

▪ **Esparta:** Em Esparta, a educação era voltada para o treinamento militar e a disciplina, com ênfase na obediência, na resistência física e no espírito de sacrifício. Desde cedo, os meninos eram retirados de suas famílias para se prepararem para a guerra e a defesa da cidade-estado, enquanto as meninas também recebiam treinamento físico, pois se acreditava que mulheres fortes dariam à luz guerreiros fortes. Em Esparta, portanto, a educação era instrumental e orientada para as necessidades militares e coletivas, priorizando a lealdade ao Estado.

Esses dois modelos – o humanista e cidadão em Atenas e o militar e disciplinado em Esparta – ilustram as visões contrastantes de educação na Grécia Antiga, com efeitos duradouros sobre a filosofia educacional e as práticas pedagógicas no Ocidente.

► Roma Antiga

A educação romana foi fortemente influenciada pela cultura grega, mas era mais pragmática, voltada para a formação de cidadãos capazes de contribuir para o império. A educação romana focava no ensino do direito, da oratória e da administração.

▪ **Influência Grega:** Os romanos adotaram muitos aspectos da educação grega, mas adaptaram a filosofia educacional para atender às necessidades do império. A educação visava preparar cidadãos para desempenhar funções administrativas, militares e jurídicas. A partir do período republicano, famílias ricas contratavam preceptores gregos para ensinar seus filhos, e o latim e o grego eram idiomas fundamentais na formação da elite.

AMOSTRA

▪ **Formação de Cidadãos e Líderes:** A educação romana para os meninos era dividida em três etapas: o ensino básico, ministrado por um *ludi magister* (mestre de escola), em que se aprendiam leitura, escrita e aritmética; o ensino médio, onde se estudavam gramática e literatura; e o ensino superior, onde se aprendia oratória e retórica, essenciais para quem pretendia ingressar na política ou no direito. A retórica era particularmente valorizada, e figuras como Cícero são exemplos do ideal de cidadão eloquente e bem-informado, capaz de influenciar a vida pública.

▪ **Educação das Mulheres:** Em geral, as mulheres romanas recebiam pouca educação formal, com foco no aprendizado doméstico e nas habilidades necessárias para gerenciar uma casa. As exceções ficavam por conta de famílias mais abastadas que valorizavam o aprendizado cultural.

A educação romana reforçava valores como a disciplina, a virtude e o serviço ao Estado, aspectos que sustentaram a coesão e a expansão do império romano.

A educação na Antiguidade reflete as necessidades e valores de cada sociedade, moldando cidadãos conforme os interesses da elite e dos governantes. Na Mesopotâmia e no Egito, o ensino era reservado a poucos, visando atender à administração religiosa e estatal.

Na Grécia, surge a valorização do desenvolvimento humano e da cidadania, especialmente em Atenas, enquanto Esparta focava na formação militar. Em Roma, a educação combinava influências gregas com uma perspectiva pragmática voltada para a administração do império e a oratória.

Esses modelos educacionais antigos foram fundamentais para o desenvolvimento das práticas pedagógicas que se expandiriam nos períodos posteriores e influenciam, de forma direta e indireta, a educação ocidental até hoje. A herança desses sistemas educacionais está presente na valorização da oratória, no desenvolvimento da filosofia, no conceito de cidadania e na disciplina e valorização do conhecimento como ferramenta de poder e controle.

EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA

A Idade Média (aproximadamente do século V ao XV) foi um período de intensa influência religiosa sobre a sociedade europeia, com a Igreja Católica desempenhando um papel central na preservação e transmissão do conhecimento.

Durante essa época, a educação era controlada quase exclusivamente por instituições religiosas, e os métodos pedagógicos visavam essencialmente formar o clero e as elites, mantendo o conhecimento acessível apenas a uma parcela restrita da população.

Esse período, conhecido por muitos como “Idade das Trevas” pela visão restritiva em relação ao conhecimento científico, também viu o surgimento das primeiras universidades, estabelecendo as bases para a educação formal que se desenvolveria posteriormente.

► Escolas Monásticas e Catedrais

Durante os primeiros séculos da Idade Média, as escolas monásticas e catedrais eram os principais centros de ensino, sendo operadas e supervisionadas pela Igreja Católica. Essas escolas tinham um forte foco religioso e eram voltadas à formação do clero.

▪ **Escolas Monásticas:** Desde o início da Idade Média, os mosteiros serviram como centros de educação e preservação do conhecimento. Monges beneditinos, em particular, desempenharam um papel essencial, seguindo a regra de São Bento, que previa a prática do trabalho manual e do estudo religioso. Nos mosteiros, o ensino era limitado à leitura, à escrita e ao latim, com ênfase na cópia de manuscritos, o que ajudou a preservar obras clássicas da Antiguidade, embora o foco fosse na teologia e nos textos sagrados.

▪ **Escolas Catedrais:** A partir do século IX, escolas começaram a ser estabelecidas junto às catedrais, especialmente após a reforma educacional promovida por Carlos Magno no Sacro Império Romano. Essas escolas eram ligadas diretamente à Igreja e destinadas à formação de padres e à educação de filhos de nobres. Nas escolas catedrais, os currículos eram baseados no trivium (gramática, retórica e lógica) e no quadrivium (aritmética, geometria, música e astronomia), que eram os componentes das chamadas artes liberais, um modelo de conhecimento herdado da Antiguidade e considerado essencial para a formação de um clérigo ou de um membro da elite.

Essas escolas cumpriram um papel importante na preservação do conhecimento, ainda que o ensino fosse limitado e geralmente reservado aos que tinham ligação com a Igreja ou com a aristocracia.

► Universidades Medievais

A partir do século XII, surgiram as primeiras universidades na Europa, estabelecendo uma nova estrutura educacional mais ampla e organizada. As universidades medievais tinham como base as escolas catedrais, mas rapidamente se tornaram independentes, abrindo espaço para o ensino de uma variedade de disciplinas.

▪ **Origem e Desenvolvimento:** As primeiras universidades foram fundadas em cidades como Bolonha, Paris e Oxford, com o objetivo de sistematizar o ensino superior, permitindo que estudantes de diferentes regiões e origens sociais pudessem estudar juntos. Essas universidades surgiram a partir da necessidade de uma estrutura mais organizada de ensino, especialmente para disciplinas como Direito, Teologia e Medicina, que tinham grande demanda na época.

▪ **Estrutura e Organização:** As universidades medievais eram organizadas em faculdades, cada uma responsável por uma área de conhecimento. Entre as principais faculdades, estavam as de Artes, Teologia, Direito e Medicina. Em geral, os estudantes ingressavam pela Faculdade de Artes, onde estudavam as artes liberais, antes de prosseguir para faculdades

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

LEITURA, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DE TEXTOS VERBAIS, NÃO VERBAIS E MULTIMODAIS, COM FOCO EM HABILIDADES DE LEITURA

Prezado (a), o tema acima supracitado, já foi abordado na matéria de Língua Portuguesa
Bons estudos!

TEXTOS LITERÁRIOS E NÃO LITERÁRIOS, CONSIDERANDO CONTEXTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E CULTURAIS, COM ÊNFASE NA LITERATURA BRASILEIRA

A ESSÊNCIA DO TEXTO – LITERARIEDADE E LINGUAGEM

A base de qualquer estudo sobre a língua escrita reside na compreensão de que nem todo texto tem o mesmo objetivo. Embora todos usem as mesmas palavras do dicionário, a forma como essas palavras são organizadas e a intenção de quem as escreve mudam completamente a natureza da mensagem. Para distinguir o que é literatura do que não é, precisamos olhar para a **função da linguagem** e para o uso da **conotação** e **denotação**.

► Denotação vs. Conotação: O Sentido das Palavras

O primeiro passo para entender a diferença entre textos literários e não literários é observar como o autor lida com o significado das palavras.

▪ **Denotação (Sentido Literal):** É o uso da palavra em seu sentido original, preciso e objetivo. É a palavra tal como aparece no dicionário. Quando dizemos que “o sol nasceu às 6h da manhã”, estamos usando a linguagem denotativa para informar um fato. O foco é a transmissão direta da informação, sem margem para duplas interpretações.

▪ **Conotação (Sentido Figurado):** É o uso da palavra com um significado ampliado, subjetivo ou emocional, que depende do contexto. Se um poeta escreve que “você é o sol da minha vida”, ele não está dizendo que a pessoa é uma estrela de fogo no centro do sistema solar, mas sim que ela é vital, brilhante ou traz calor emocional. Aqui, a linguagem é usada para criar imagens e sensações.

► A Função da Linguagem: Informar ou Comover?

Nos textos **não literários**, a linguagem é geralmente **referencial**. Isso significa que o texto serve como uma “ponte” direta para a realidade. O objetivo é que o leitor entenda a mensagem da forma mais rápida e exata possível. Exemplos clássicos são as notícias de jornal, as receitas culinárias e os livros didáticos de ciências.

Já nos textos **literários**, a linguagem assume uma **função poética**. O foco não está apenas no “quê” se diz, mas no “como” se diz. O autor literário não quer apenas transmitir um dado; ele quer que o leitor sinta o ritmo das palavras, perceba as sonoridades e se envolva com a estética do texto. A literatura transforma a palavra em arte.

▪ **Vocabulário Didático** **Literariedade:** É o conjunto de características que faz com que um texto seja considerado literário. Envolve o uso estético da linguagem, a criação de mundos ficcionais e a subjetividade do autor.

► A Plurissignificação: O Texto de Muitas Faces

Uma característica fundamental do texto literário é a **plurissignificação**. Enquanto um manual de instruções (não literário) deve ter apenas uma interpretação para não causar erros, um poema ou um conto pode ter múltiplas interpretações.

O texto literário é “aberto”. Ele convida o leitor a participar da construção do sentido, baseando-se em suas próprias experiências, sentimentos e visão de mundo. É por isso que duas pessoas podem ler o mesmo romance brasileiro e ter percepções diferentes sobre as motivações de um personagem.

O TEXTO NÃO LITERÁRIO NO COTIDIANO – A LINGUAGEM DA REALIDADE

Enquanto a literatura nos convida a sonhar e interpretar, o **texto não literário** tem os pés fincados na realidade. Ele é o tipo de texto que mais consumimos ao longo do dia: desde a leitura de uma placa de trânsito até um artigo científico complexo. Sua principal missão é a **utilidade**. Ele não busca ser belo ou poético, mas sim funcional, preciso e informativo.

A Objetividade como Regra de Ouro

A característica mais marcante do texto não literário é a **objetividade**. Para que a comunicação seja eficaz, o autor deve evitar ambiguidades (frases que podem ter mais de um sentido).

Nesse tipo de produção, a voz do autor costuma ser impessoal. Isso significa que, em geral, não encontramos opiniões pessoais, sentimentos ou “eu acho”. O foco é o objeto, o fato ou o conceito.

▪ **Linguagem Técnica:** Dependendo do público, o texto não literário pode usar termos específicos de uma área (como o “juridiquês” em um contrato ou termos médicos em uma bula), mas sempre com o objetivo de ser exato, nunca para criar mistério.

► A Estrutura e os Gêneros Não Literários

Os textos não literários costumam seguir estruturas rígidas e previsíveis para facilitar a localização da informação pelo leitor. Vamos observar alguns exemplos comuns:

AMOSTRA

- **Notícia e Reportagem:** Relatam fatos atuais com base em perguntas fundamentais: *Quem? O quê? Onde? Quando? Por quê?* A linguagem é direta para que o leitor se informe rapidamente.
- **Manuais e Receitas (Textos Instrucionais):** Utilizam verbos no imperativo (*faça, misture, conecte*) para guiar o leitor em uma tarefa específica.
- **Artigos Acadêmicos e Didáticos:** Organizam o conhecimento de forma lógica, usando dados, estatísticas e evidências para explicar um fenômeno ou ensinar um conteúdo.
- **Verbetes de Dicionário ou Enciclopédia:** São a forma mais pura de denotação, definindo conceitos de maneira universal.

O TEXTO NÃO LITERÁRIO E A SOCIEDADE

O texto não literário desempenha um papel social crucial: ele é o guardião da informação oficial e dos direitos.

▪ **A Constituição Federal**, por exemplo, é um texto não literário. Ela precisa ser escrita de forma que todos os cidadãos e juristas compreendam exatamente o que é permitido ou proibido, sem margem para “metáforas”.

▪ **O Jornalismo** tem o compromisso com a veracidade. Embora a escolha do que publicar possa ser influenciada por contextos sociais, o texto em si deve se esforçar para apresentar o fato como ele ocorreu.

SAIBA MAIS: Diferença Visual

Muitas vezes, identificamos o texto não literário antes mesmo de ler. Pense em uma lista de compras ou em um boleto bancário. A organização visual (em listas, colunas ou tópicos) já indica que aquele texto possui uma finalidade prática imediata, diferente de um poema, que geralmente ocupa o centro da página com versos curtos.

Tabela Comparativa: Finalidade do Texto

Tipo de Texto	Intenção Principal	Exemplo
Informativo	Transmitir um dado novo	Notícia de jornal
Instrucional	Ensinar um procedimento	Manual do celular
Científico	Expor um conhecimento	Livro de biologia
Normativo	Estabelecer regras	Código de Trânsito

A CONSTRUÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO – SUBJETIVIDADE E ARTE

Se o texto não literário trabalha com o que é “real”, o **texto literário** trabalha com o que é “possível”. A literatura é uma forma de arte que utiliza a palavra como matéria-prima, assim como um pintor usa tintas ou um escultor usa o barro. Nesta parte, entenderemos como o autor literário manipula a linguagem para criar experiências únicas para o leitor.

A Subjetividade: O Olhar do Autor

A principal marca do texto literário é a **subjetividade**. Isso significa que o texto está impregnado com a visão de mundo, os sentimentos e as impressões pessoais de quem escreve (ou do narrador que ele criou).

Diferente de uma notícia, que tenta ser neutra, a literatura não tem compromisso com a imparcialidade. O autor literário pode distorcer a realidade, exagerar sentimentos ou descrever um objeto comum de uma maneira nunca vista antes. Na literatura, o “eu” (ou o “eu lírico”, no caso da poesia) é quem dita as regras do que é narrado.

A Liberdade Criativa e a Invenção

No texto literário, existe o que chamamos de **liberdade poética**. O autor tem permissão para:

- **Criar palavras novas (Neologismos):** Inventar termos que não existem no dicionário para expressar algo específico.
- **Quebrar regras gramaticais:** Usar a pontuação de forma inusitada ou alterar a ordem das frases para criar um ritmo ou efeito sonoro.
- **Ficcionalizar:** Criar personagens, cenários e situações que nunca existiram, mas que, dentro da obra, possuem sua própria lógica e verdade.

Recursos Estéticos: As Figuras de Linguagem

Para construir essa camada de beleza e significado, a literatura utiliza intensamente as **figuras de linguagem**. Elas são ferramentas que retiram a palavra do seu uso comum para dar-lhe novos poderes:

- **Metáfora:** Uma comparação implícita. Quando um autor diz que “o amor é um fogo que arde sem se ver”, ele cria uma imagem poderosa que vai além da explicação lógica.





GOSTOU DESSE MATERIAL?

Imagine o impacto da versão **COMPLETA** na sua preparação. É o passo que faltava para garantir aprovação e conquistar sua estabilidade. Ative já seu **DESCONTO ESPECIAL!**

EU QUERO SER APROVADO!

